
POEMAS
NO TEMPO

VOLUME 1 (1980-1984)

BIBIANO RIBEIRO GONÇALVES JUNIOR



POEMAS NO TEMPO - Volume 1 (1980-1984)
por Bibiano Ribeiro Gonçalves Junior

Edição: Bibiano Ribeiro Gonçalves Junior

Capa: Bibiano Ribeiro Gonçalves Junior
(Plataforma canva.com)

**"INCENTIVAR A LEITURA É CHAVE FUNDAMENTAL
PARA AMPLIAR CULTURA, CONHECIMENTO E
LIBERDADE!"**

ANO: 2021

Sumário

SORRISO	5
BORBOLETAS	6
ILHÉUS (Mãos que pintam)	7
UMA VIDA CHAMADA SONHO	8
O AMOR RECEBIDO	9
O AMOR NO UNIVERSO DOS OLHOS	10
PENUMBRAS, VENTOS E VALES... ..	11
RAZÃO PARA VIVER	12
VIDA NOVA	13
DEDICATÓRIA	14
SENTINELAS	15
SEMPRE LUZ	16
ILUSÕES.....	17
MEU PAI, A PRINCESINHA E A LUA.....	18
AO CÁRCERE NOSSOS PRECONCEITOS.....	19
DOUTRINA E INCERTEZAS	20
CASTELO DOS SONHOS ESCONDIDOS	21
ACREDITAR.....	22
DOCE DONZELA.....	23
AS NOITES E OS DIAS DO MAR	24
LIBERDADE.....	25
PROGRESSO?.....	26
SOL E CHUVA.....	27
NA MANHÃ SEGUINTE	28
NÓS ESTRADEAMOS	29
NÓ.....	30
DESPEDIDA	31
TURMALINA	32

Poemas no tempo volume 1

RELÓGIO	33
TUDO PARA.....	34
SÁBADO	35
IN MEMORIAN II(ESPERANÇA)	36
DOIDIMAGEM.....	37
JANELAS DO PRESÍDIO	38
CONFISSÃO	39
CONVIVER	40
PÁTRIA.....	41
CÚMPLICES.....	42
O DESCOBRIMENTO DAS AMÉRICAS	43
FIO DE VENTO.....	44
RESTOS DE PRIMAVERAISPERANÇA	45
POESIA	46
CONTEMPLAÇÃO	47
VERDADES DO SUBMUNDO.....	48
PENSAR É NECESSÁRIO.....	49

SORRISO

Às vezes penso que já sou tudo,
Que já consegui o que queria,
Que já sou o perfeito...
Mas parece um absurdo,
Que com toda essa alegria,
Deparo-me com um defeito...
As sombras rebuscadas das nuvens
Acinzentam o céu azul
E escurecem o sorriso do meu peito...
...Sorriso.
Na hora de um agradecimento
Não há nada melhor.
Na hora de um consolo
Ele traz serenidade.
Num momento romântico
Ele demonstra amor.
Num cumprimento
Ele transmite amizade.
Ah! Que bom seria,
Assim como a chuva que vem,
Não escolhesse pra quem,
Um sorriso daria...

1980

BORBOLETAS

Que bela é a vida
Que paira nas flores
Sentindo os calores
Como uma deusa perdida.

Suas asas cansadas
São cheias de cores
Pairando nas flores
É lá sua morada.

Seu mundo é aberto
Sem brigas e sem lutas
E de flores ocultas
Seu mundo é coberto.

E de ver o mundo velejar
Conduzido por pecadores
Ela quer no mar das flores
Seu corpo naufragar.

1980

ILHÉUS (Mãos que pintam)

De suas mãos saem beleza,
De suas mãos saem liberdade.
Suas mãos pintam tristeza,
Suas mãos pintam felicidade.

De suas mãos saem frio,
De suas mãos saem calor.
Suas mãos enchem rios,
Suas mãos se enchem de amor.

De suas mãos saem malícia,
De suas mãos saem acalento.
Suas mãos revelam carícia,
Suas mãos revelam seu pensamento.

De suas mãos saem vidas,
De suas mãos saem momentos.
Suas mãos abanam despedidas,
Suas mãos abanam ventos.

De suas mãos saem os dias,
De suas mãos saem cidades.
Suas mãos viverão alegrias,
Suas mãos viverão eternidades.

1980

UMA VIDA CHAMADA SONHO

Que beleza!
O sol acordava sorrindo
Trazendo consigo a felicidade
Do Paraíso.
As pombas alegremente gritavam
Anunciando a paz entre os Homens.
E no mar os peixes brincavam
Com a imagem refletida das nuvens.
Que beleza de vida!
Que sonho!

1980

O AMOR RECEBIDO

Brilham-se as luzes,
Brilha o amor.
Nos corações felizes
Não há lugar para a dor.

O amor está presente
No mais pobre dos corações,
Assim como o poeta
Que o traduz nas canções.

Gira mundo,
No mais alto vapor
Mesmo estando num sono profundo
Não terá fim o seu amor.

1980

O AMOR NO UNIVERSO DOS OLHOS

O teu olhar me fere mais
Que tantos tropeços que a vida têm.
Fogem os meus sentidos, porém,
É o que me faz viver em paz.

Irradiam uma força estranha
Que talvez expliquem o que não sei.
São os teus olhos, livres que olhei,
A irradiar tua própria façanha.

É uma coisa dolorosa sem doer
A beleza que transmites teu olhar.
E recobres o horizonte com o azul do mar
Fazendo das trevas um novo amanhecer.

O teu olhar te deixas mais linda,
A flutuar tua face no céu de minh'alma.
E quero você para sempre, calma,
Pois tu és o amor que não finda.

1982

PENUMBRAS, VENTOS E VALES...

Penumbras, ventos e vales...
Lareira acesa nos olhares.

Tudo, enfim, na vida nossa
Acende o que desperta à frente.
Mesmo que o aceso não possa
Despertar os porões da mente.

Penumbras, ventos e vales...
Lareira acesa nos patamares.

Aqui está, tijolo sobre tijolo,
Disputando um lugar, um salário.
Construção acesa. Bate o monjolo
Dentro do coração do operário.

Penumbras, ventos e vales...
Lareira acesa nas águas dos mares.

No mesmo instante o ar
Vive para uns, morre para outros.
Acendem vidas nas águas do mar;
E querem, os peixes, viver soltos.

Penumbras, ventos e vales...
Um alerta aos lugares.

Mas diante das coisas há um fim,
Que todos não desejam assim.
E o alerta é para que não se esfolem.

Pois, os olhares as penumbras apagam,
Os patamares os ventos derrubam
E as águas, os vales engolem.

Penumbras, ventos e vales...
Um sopro aos ares.

RAZÃO PARA VIVER

Se algum dia o mundo escurecer,
Não se apavore nem se torture.
Tente, com o brilho nos olhos, adormecer
As imagens negras e num quadro as pendure.

Mas se algum dia esse quadro cair
Dispersando o escuro como ramagem,
Volte à realidade que estás a sentir
E com brancas palavras apague as negras imagens.

As imagens negras não perfumam as flores
Nem orvalham os verdes campos.
Como queiram se ver as cores
Em paisagens feito mantos.

Então com calma plante esperança em flor
Para renascer a dádiva de amar,
Pois com sua esperança e seu amor
As negras imagens em sua frente vão se clarear.

1982

VIDA NOVA

Tuas palavras me abriram o caminho
De uma estrada que eu não conseguia sair.
E no horizonte de flores sem espinhos
Novamente o sol voltou a luzir.

Novamente vi florir a primavera
Como se cada flor fosse vida
E cada vida fosse uma espera
Para um adeus na hora da partida.

E sem nada dizer fiquei a ouvir
Os pássaros cantando no ninho;
Que cantavam a paz sem ferir
O semelhante, que não pode viver sozinho.

Aí eu vi o mundo girar como esfera
Fechando em nós todas as feridas,
Para que vivamos uma vida mais bela
E o que ficou pra trás, só merece despedidas.

1982

DEDICATÓRIA

Guerreira de todos os dias,
Passando em claro as noites frias.
Sorrindo, chorando, sempre ao lado
De nós, filhos amados.

Mereces o brilho que reina o céu.
Mereces a pureza do branco véu;
E na mais linda manhã ensolarada
Te ofertamos uma rosa orvalhada.

Tu que não tens hora nem momento
Para nos fazer um acalento,
Recebes óh mãe! Nossa admiração,
Pois estás em nosso coração.

A tua vida é muito importante
Para nos fortalecer bastante.
E saiba que a luz que te ilumina
É uma semente de amor que, em nós, germina.

Resta ao mundo se curvar diante de ti,
Pois tua imagem significa paz aqui;
E esta dedicatória tinha que ser dita
Porque, óh mãe! Tu és bendita!

1982

SENTINELAS

Outro céu na mansidão,
Outras águas em nosso mar.
Miudezas se desmancharão,
Grandezas hão de se formar.

Não mais haverá noite sem lua
E as estrelas enfeitarão o firmamento.
Repousando na face tua
O eterno contentamento.

Sublimando a bela natureza
Estará a gota do silêncio.
E em ti, natural beleza,
Derramará a gota do amor imenso.

E dos vales, fundos e sombrios,
Ressurgirá o sol ardendo em velas.
Que para nós traçará a fio
Os caminhos de sentinelas.

1982

SEMPRE LUZ

Correu assim, bravia luz,
A percorrer o infinito espaço.
Folgando as rédeas que conduz
Um rebanho de fome e cansaço.

Ao longe se vê o seu brilho,
Como se fosse um olhar
De uma mãe ao ver seu filho,
Neste mundo de desejos chegar.

Percorre o seu rumo reluzindo
Os lugares marcados pela escuridão,
E os astros que vivem caindo
São suas lágrimas de emoção.

A sua parada não tem fim,
Nem fim a sua partida.
Pois cada momento que vive assim,
Mais reluz a sua vida.

1982

ILUSÕES

Velejar num mundo de ilusões agora
É fulgurar uma chuva fria.
Tão perene é o tempo de outrora
Que ilusão é iludir o dia.

Não sejas incrédulo ao universo,
Nem arrebatos em suas glórias.
Siga seu destino, pois há o reverso
Entre nossas derrotas e nossas vitórias.

A face do desejo em se ter
Maravilhas de um mundo ilusão,
Nos parte ao meio, sem saber,
Se é cara ou se é coração.

A vida se dificultará
Quanto mais o povo se iludir,
E o destino da gente ficará
A mercê das rochas a sucumbir.

1982

MEU PAI, A PRINCESINHA E A LUA

- Olha lá a "Lunha"!
Era assim que meu pai falava
Para mostrar a verdadeira Lua
A uma princesinha que desabrochava.

A Lua seguia seu rumo certo
Com o olhar dos dois a lhe seguir.
Num momento parava e chegava perto,
N'outro se apressava em partir.

A princesinha estava sempre sorrindo
Aos nossos olhos de gente grande,
E quando víamos a Lua surgindo
Ficávamos crianças por um instante.

E ficava triste a noite sem luar,
Pois não havia brincadeira que compunha
As fantasias que ficavam a conversar
Com meu pai, a princesinha e a "Lunha".

1982

AO CÁRCERE NOSSOS PRECONCEITOS

De muito longe viestes para aqui morar.
De muito longe te trouxeram para aqui sofrer.
A sua vida não merecia vida se chamar,
Pois se vida é chicotadas, preferível seria não viver.

Mas com o tempo tudo se resolveu
Acabando a escravatura e a dependência.
E em vós o povo reconheceu
A dignidade, a pureza e a decência.

Para nós trouxestes ensinamentos
Que outras raças não nos deram.
Entre muitos de teus pensamentos
Surgiram ideias que se fizeram.

Aqui ficam os nossos afetos
De pessoas que também têm defeitos,
E estaremos sempre de braços abertos
Levando ao cárcere nossos preconceitos.

1982

DOCTRINA E INCERTEZAS

Sagaz e infame doutrina rasurada
Nas páginas obscuras da sorte.
Vem de encontro a nós, figurada
Em obscuras cenas que enterram a morte.

Júbilos de ti alegrai-vos!
Posto que é solida no firmamento.
Em terra sois o bando de servos
Que vêm se livrar das garras do tempo.

Reges com teu manto febril
Um reino de campos largos.
Em lamas desprende o azul anil
A cintilar em nossos olhos amargos.

Enfim, sagaz e infame doutrina
Estás aí a nos espiar.
Quanto a boléia em que segues na tua sina,
Quer de incertezas nos empilhar!

1982

CASTELO DOS SONHOS ESCONDIDOS

O caminho é de sombras e velas
O qual percorro o destino do mundo.
E recai sobre as pernas e me acho nelas
Um cansaço dormente e profundo.

Revoltos vendavais a me atormentar
Na travessia de tempos perdidos,
Vou caminhando até encontrar
O castelo dos sonhos escondidos.

Ao longe o avistei, sublime!
Como eras em meu pensamento.
E corri. Corri em terra firme
A arrastar as pegadas que ficavam no tempo.

Ceguei finalmente a seus pés e gritei:
-Abra-te! Abra-te as portas da razão!
E qual alegria em seu interior adentrei,
Pois não era um castelo, eras teu coração!

1982

ACREDITAR

Acreditar no que é sincero e justo
É dádiva que não inflama a guerra,
E justifica o merecimento, a todo custo,
De ser acreditado pelos Homens da Terra.

Acreditar na beleza infinita,
É acreditar no nascer do sol.
Como a aurora que sempre acredita
Na beleza de um novo arrebol.

Acreditar mais na humanização
É arrancar de nós os espinhos
Que nos esfolam sangrando o coração
De maneiras a nos fazer sentir sozinhos.

E acreditar não significa
Retroceder em nossas opiniões,
Mas um estímulo que se identifica
Com o poder das nossas razões.

1982

DOCE DONZELA

Seu corpo descansava sobre a cadeira
Que embaixo de uma sombra ficava,
E seus olhos fitavam a vida inteira
Como que imaginando o futuro que a esperava.

A luz do dia acalmava seu semblante
Como se a natureza entrasse dentro dela.
Sua beleza radiava nesse instante
A verdadeira luz que o sol revela.

Às vezes seus olhos cansados fechavam
Para reviver o passado a pouco vivido.
Em seu colo as mãos repousavam
Segurando um livro já esquecido.

E assim ela passava os momentos,
Flutuando no tempo o seu caminhar.
Deixando o rumo a favor dos ventos
Sem, contudo, deixar de amar.

1982

AS NOITES E OS DIAS DO MAR

Nas rochas batem águas que vêm
De um mar cheio de vidas;
Estas águas que brotam num lugar aquém
E que canções entoam nas ondas repetidas.

E ao ver o mar, que calmo permanece,
Julgo que quer descansar do seu dia.
E quando em seu meio a Lua aparece,
Exprime a noite que enfim queria.

Mas ao ver o mar, que revoltado fica,
Penso que quer da noite se livrar.
E quando em suas ondas o sol se intensifica,
Mostra um novo dia que acaba de acordar.

Assim fica o mar, sobre a Terra, navegando
Com suas águas límpidas e às vezes sombrias.
E entre fúria e calma fica alternando,
Trazendo para nós as noites e os dias.

1982

LIBERDADE

Outono. Folhas caindo.
Despencaram do infinito.
No vai-e-vem estão fugindo
Da árvore mediocridade
À procura do mundo bonito,
Soltas ao ar, em liberdade!

Chegam ao chão, pálidas.
Pedem ajuda, imploram!
Já não servem, são inválidas;
E renunciam à felicidade.
No mesmo instante choram:
Do que adianta a liberdade?

Temos que ressuscitá-las,
Avante à utopia!
Vamos ser livres e sustentá-las,
Pois folhas somos na realidade.
E queremos sempre desfrutar
De nove letras que gritam: LIBERDADE!

1982

PROGRESSO?

O que nada se olha
Numa nuvem de fumaça,
Reflete na vida e molha
A areia de uma argamassa.

A argamassa se deposita
Nos colarinhos do nosso tempo,
Revestindo a face que imita
A felicidade de um ser atento.

A argamassa se mistura
No corre corre da multidão.
Ninguém vê a que altura
Está o trono da poluição.

Aos poucos destroem a nossa flor
No vazio da hipocrisia,
E não haverá tempo para recompor
A vida bela que se vivia.

1982

SOL E CHUVA

Não só sorriam como choravam.
Naquele dia tudo se transformou
No rosto daqueles que ali moravam.

Voltou à redenção naquele lugar.
Dali ninguém mais sairia
Porque terra de caboclo é terra pra se ficar.

Em toda região mudou, de repente, a vida.
Eles olhavam para o céu
E agradeciam a graça recebida.

Os olhos deles faiscavam de alegria.
Iriam recomeçar um novo tempo
Sem a cruel seca. Porque chovia e chovia...

Eram vivas, eram cantos,
Eram abraços, eram tantos...

Eram tantos; são tantos no sertão nordestino.
Eles são humanos e merecem esse dia
Em que a chuva espanta a seca a outro destino.

1982

NA MANHÃ SEGUINTE

Foi assim que eu vi
Chegar aqui
Um vento frio.

Ele chegou manso,
Querendo descanso
Como leito de rio.

As casas trancadas
Ficavam caladas
Num silêncio vazio.

Mas o vento a delirar,
Num momento de luar,
No espaço se acomodou.

E entre brilhos de requinte
Na manhã seguinte
O inverno acordou.

Pois o inverno chega
Sem ninguém saber
E só o coração
Pode nos aquecer!

1982

NÓS ESTRADEAMOS

Falam da estrada como se longa fosse,
E como se o horizonte fosse seu fim.
Talvez seu fim não seja azul nem doce;
Talvez seja branco, puro marfim.

Tudo depende do que queremos ser
E daquilo que já conquistamos.
Não é para, no caminho, esmorecer
Sem antes calejar o que avistamos.

Nosso destino nos revela a cada dia
Um novo passo dentre os passos do mundo.
É esse que desvenda a nossa sabedoria
E nos volta para um pensar profundo.

E falam da estrada como se longa fosse,
Mas não passa de miragem seu final.
Nossa vida é uma estrada, amarga ou doce,
Onde só existe a estrela como sinal.

1983

NÓ

Ruas memorizam os passos,
Simples toada na vida do pó.
Caminhando memorizo os traços,
Simples rotina que faz o nó.

Por onde ando vejo gente
Que necessita de amor fraterno.
Vejo falhas num sol carente
Para esse povo andar o eterno.

Não desejo somente facilidade,
Mas que também não haja injustiça.
O povo só quer liberdade
Para andar o amor que enfeitiça.

Por isso nas ruas deslizo
Ampliando o caminho da razão,
E que os traços que memorizo
Deêm um nó na injustiça e opressão.

1983

DESPEDIDA

No silêncio abraço o tempo
Onde estão meus rumores,
Que às vezes como atores
Interpretam o meu pensamento.

Meu pensamento abraça a vida
Onde está o meu destino,
Que às vezes com um hino
Interpreta canções de despedida.

E a despedida é tão triste
Quanto à ruínas da explosão,
Pois em ruínas fica o coração
Afangando palavras quem em sair insiste.

No entanto, espero que meus
Devaneios não cheguem a ser
Uma realidade que costuma acontecer
Quando se diz, para sempre: Adeus.

1983

TURMALINA

“Na pedra de turmalina”
Outro dia me sentei.
Beira estrada, poeira fina;
Horizonte azul avistei.

No rosto um cansaço
De ontem, de hoje, talvez amanhã.
Os pés mediram o passo
Numa travessia de afã.

Ouvi o vento soprar,
Senti-o em minha sina.
Por que estava a pensar,
Ali, na pedra de turmalina?

Evoquei a resposta direta;
Indiretamente me respondi
Que o vagar é uma seta:
- Siga em frente, é logo ali!

Segui, então, como havia de ser
E fui aos poucos envelhecendo.
Aos poucos deixei-me desaparecer
Na trilha de seres morrendo...

Ah! Como é a vida na mina.
Faz até a gente sonhar
Com as pedras de turmalina.

1983

RELÓGIO

Na parede espreita a sala,
Mórbida e solitária.
Trabalhando os dias quentes
Direciona no espaço
O espaço entre Sol e Lua.
Tic-tacs incansáveis
Ressoam no tempo esgotável
De seu destino.
Recebe, às vezes, olhares ora
Apressados, ora impacientes,
Ora indignados, que
Sintonizam o tempo
No tempo.
O relógio é o coração do tempo.

1983

TUDO PARA

Tudo para:
Olhares,
Sorrisos,
Suspiros,
Lágrimas.
Sem desejos, como
Começou um dia,
Num lugar de sonhos.
Íntimos sonhos que
Nos alimentam.
Tudo para:
Ódio,
Dúvidas,
Guerras
(queira Deus logo).
No mais, desmoronarão
Bases de lucidez cósmica,
Forçando uma parada insólita.
Tudo para:
Transpiração,
Inspiração,
Expiração,
Piração.
No humano,
Ser resoluto da obra
Divina, que luta,
Luta vida inteira
As células param um
Dia e as fases
Dão lugar a um
Congelamento perpétuo.
Enfim tudo para:
Até o poeta de
Escrever seu poema.

1983

SÁBADO

Dia feito de
Beleza onde
O sol acredita
Na sua importância.
Véspera dominical,
Pureza.
Realeza semanal
Que silencia o cansaço
E assenta a esperança
Acesa.
Sábado som,
Sábado vinho,
Sábado amor,
Sábado espetáculo
Improvisando alegrias
Para ocultar uma
Possível tristeza.

1983

IN MEMORIAN II(ESPERANÇA)

Na sua mente estava
A humildade que se
Identificava com sua
Incerteza de expandir-se,
Tamanha era a retração
Em seus princípios.
Leveza de alma, sumo coração;
Sacode poeira, sacudiu prognósticos
(que em tempos de guerra,
Nos vales exóticos,
Revolvem a terra).
Sua passagem requereu sofrimento
E muita luta contra um tempo.
Neste momento
Resta-nos a lembrança,
Ponto de partida
Para uma nova esperança
Na vida.

1984

DOIDIMAGEM

O que seria ou quem
Seria o doido?
Aquele que não
Penteia o cabelo, é
"viroto" e baba corroendo
Os dentes;
Ou seria o pacífico sentado
Num banco praçal
Sorrindo de sua própria
Correnteza lacrimal?
A definição se perde
No ar, à medida que o
Ar também está doido
De tantas baforadas
(carbonizadas!).

...Talvez me viesse à cabeça
Uma vontade imensa de definir
O que seria sentir
Ou ter sentimentos à avessa.
Doidimagem do mundo essa!

1984

JANELAS DO PRESÍDIO

Quadrantes paradoxais
De observação melancólica
No fecho de luz que
Penetra a sala eufórica,
Dividem em dois o
Mundo.
Em azul celeste a
Linha do horizonte
Planeja sua vida
Do outro lado, defronte,
Com lindas flores ao
Fundo.
De cá, massas sólidas
Imprensam a razão
De viver palavras só lidas
Pelo próprio coração
E onde sono é dormir no
Imundo.

1984

CONFISSÃO

Fique,
Você está em meu coração.
Deixe-me
Compartilhar de seu coração.
Não negue,
A sua presença está em mim.
Ajude-me
A descobrir a felicidade em mim.
Você é linda
Interiormente mais que o olhar.
Gire
Sua paixão está no ar,
Espero
Poder te agasalhar.
Sinto
Não saber quem você é
Neste momento abstrato,
Só sei
Que te amarei mais
Quando tornares realidade de fato.

1984

CONVIVER

Remexem-se assuntos sóbrios
Entre diversos temperamentos
Porém, recai n'alma
Um desejo pacífico de
Barganhar uma amizade
Livre e mútua,
Infinita e única na
Cadência de dias
Alvejados pelo convívio.

Outro sim, a presença de
Raízes fraternas,
Álibi imprescindível na
Consciência de todos,
Une-nos na mesma trilha
Levando-nos sempre ao
Otimismo de um grande viver.

1984

PÁTRIA

Pátria, Pátria, Pátria!
O organismo humano
É uma Pátria armada
De vontade calada
E esperança de ano,
Igual àquela renovada
Em dezembro.

É uma Pátria sacrificada
De doenças e pressões,
De injúrias e omissões,
Por falta de arcada
Civil nos pulmões,
Em novembro.

Mas queira continuem as transfusões
Trazendo forças ao organismo
(Pátria armada de ceticismo)
Como nas grandes paixões,
Como primavera romantismo,
Em setembro.

1984

CÚMPLICES

Espaço ocupado de inertes
Ruídos, linhas que
Margeiam formas de
Impressão no vagar de
Cada um; tudo faz
Das sombras um mistério.

Tudo que elas acreditam
É que as levemos sempre
Em companhia da denotação
De um mundo sem segredos
E possuído por uma conotação
De um humanismo sério.

Além do que, elas são
Como fantoches em busca
Do inimitável, cúmplices de
Nossas decisões sem direito
À palavra; enfim, tudo faz
Das sombras um mistério.

1984

O DESCOBRIMENTO DAS AMÉRICAS

A nau riscava o oceano
Titubeante em seu roteiro
Sem perceber por inteiro
A transparência de pano
Limpo das velas tais,
Assustadas pelos vendavais.

Nela aportaram lindas donzelas
Aparentemente sutis senhoras,
Por descendências espanholas
E que as últimas sequelas
Deixadas em terra na partida
Foram os lenços da despedida.

Assim, saíram em aventura
Por águas de lentidão,
Navegando na imaginação
À vontade de quem procura
O prazer da liberdade
Saindo, talvez, da realidade.

De maneiras que o imprevisto
Esteve sempre a acompanhá-las
E de vento em vento a deixá-las
Mais longe do ser visto,
Para mais perto de um descobridor
Que nem era navegador.

Até que chegaram, um dia,
Às margens de terra estranha
Já sentindo o término da façanha
Sem pensar o que surgiria
Quando pisaram no novo mundo
De um sossego profundo.

Surgiu, no silêncio, daí
Um tal tupi-guarani,
Que por ironia do destino
Descobridor tornou-se seu hino.
Pois descobriu as espanholas
Que além das castanholas
Traziam uma magia quimérica:
Todas se chamavam América!

1984

FIO DE VENTO

Cada fio de vento
Revela o transcendental,
Aqui e acolá, o perfume
Que foge de ti no seu
Dengo, que ontem desconhecido
Somente hoje senti;
Amanhã será inequívoca emoção.

E no ímpeto de cada emoção
Está o amor dos lugares
Trajado com a florescência
Em que, o transcendental
Perfume lançado por ti,
Caminha nos ares a
Cada fio de vento.

1984

RESTOS DE PRIMAVERISPERANÇA

Restos de primavera cobrem as
Estradas num tapete infinito
De esperanças. É o momento
Sólido de remir todos os
Poderes de nossa vida
E transportá-los além das
Fragilidades do nosso corpo. ´

É o momento de se cruzar
Olhares à procura de anseios
Mútuos; averiguar na paz
Dos que querem a paz a
Verdadeira trajetória de sentimentos,
Arreponder-se diante de erros e
Engrandecer-se na humildade dos acertos.

É tempo de caminhar num
Tapete infinito de primavera,
Que cobre as estradas, deixado
Pelos restos de esperança.

1984

POESIA

Façamos da vida
Uma eterna poesia
Onde ela todo dia
Possa trazer felicidade,
Amor e claridade
Das coisas existenciais.
Aqui, agora, jamais
Veja tristeza e rancor;
Sinta o céu, ardor
Do sol e de amar
As manhãs em que o ar,
Sôfrego de vontade
Anuncia com humildade
Os poemas da vida.

1984

CONTEMPLAÇÃO

Preso à relva do campo
Insisto o espaço azul olhar,
De úmidas ondas em canto,
De vasto encanto a mostrar.

Seja lá o que for
Nem quero dúvidas supor,

Que a destruição irracional
Não vai desanimar a semente
Que germina, sem igual,
Na face do amor, eternamente.

Em vista do que há,
Todas as coisas vão ficar;

Entre elas o mar do céu
Onde estrelas navegam
E de onde nuvens em carrossel
Simulam o branco e espumam.

Portanto, seja lá o que for
Nem quero dúvidas supor.

1984

VERDADES DO SUBMUNDO

Deixo fluir os pensamentos,
Vagocêntricos, no submundo;
Afundo, adentro nas utopias.
Rodopias no ar frágil?
Ágil nas pernas corro;
Morro no eu equilibrado
Vislumbrado numa emoção.

Ação me faz amar,
Queimar o corpo-sangue
Exangue de tanto querer
Ser como os anos,
Panos de fino retalho,
Atalho no teu labirinto,
Instinto de correnteza.

Certeza mesmo em mim,
Sim, são tuas faces.
Fases de lua candeia,
Semeia sempre tua luz,
Induz os pensamentos vagocêntricos,
Excêntricos, de humildade.
A verdade é um dom sublime!

1984

PENSAR É NECESSÁRIO

A gente, às vezes, parece que
Reina no pensamento de tão
Longe que está da visão
Do mundo e das coisas;
Talvez para dissipar ou esconder
As possíveis angustias
Ou até mesmo para procurar
Além-imaginação alguma resposta
Que teima em não sair
E ao nosso ego não satisfazer.
Sendo uma ou outra alternativa
Ou até mesmo várias, não importa,
O que me detém em meditar
Sobre o pensamento é que
Ele é o sentido fortalecedor
Do alicerce de uma vivência.
Essência, para mim, das horas
Em que aqui na Terra
Passo com meus irmãos,
Entre os quais vivo de
Maneiras a não fazer
De um ato sem pensar,
Algo que me faça sair
Da trilha de um ser racional.

1984

POEMAS
NO
TEMPO

VOLUME 1 (1980-1984)